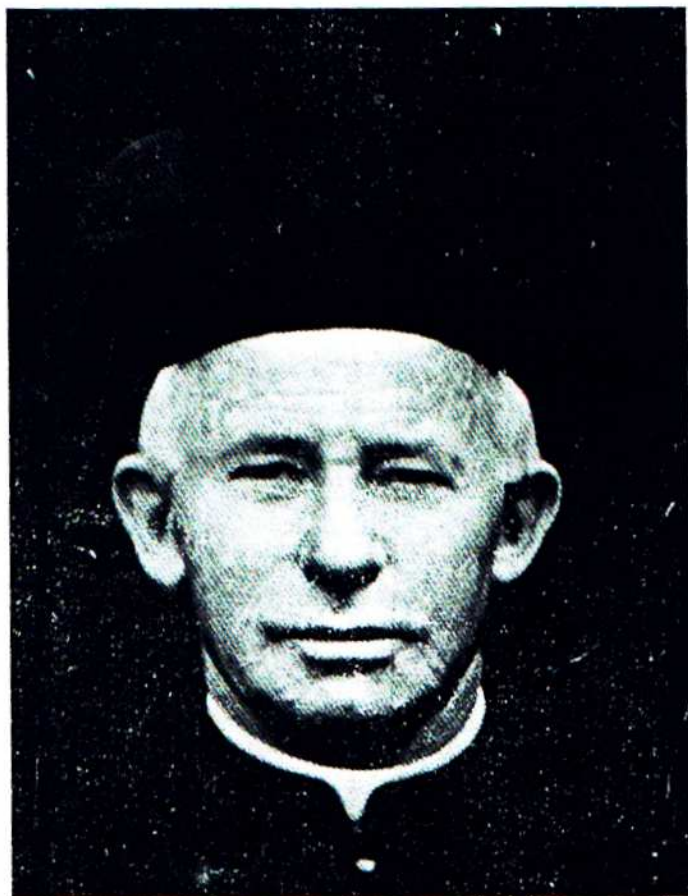


Padre ESTANISLAU TYCNER



Meados da década de 1940. Um jovem seminarista salesiano está no ônibus n.º 36 que vai do centro de São Paulo até o bairro da Lapa. O coletivo faz uma parada no Largo das Perdizes. Um sacerdote entra na condução. Todos se voltam para olhar o recém-chegado, pois está com um vistoso chapéu eclesiástico; todo de veludo e com borlas. O padre em questão, sorrindo, diz: "Gente, não reparem. Foi um presente. O chapéu é mais bonito e mais caro que a cabeça que o carrega". Todos sorriram com a saída e comentaram com simpatia a figura do sacerdote. No ponto final, o seminarista viu que o padre também se dirigia para o Seminário salesiano, e perguntou-lhe se também era filho de Dom Bosco. A resposta foi: "Com muita honra, sou o P. Tycner". O clérigo, então, percebeu que a fama que rodeava aquele homem não era exagerada.

14 boletimsalesiano

NA TERRA NATAL

Nasceu o nosso biografado em Yurkova, na gloriosa Polônia, aos 26 de abril de 1872. Aí fez seus estudos primários. Pobre, teve que emigrar, ainda adolescente, para a Alemanha, onde trabalhou em minas de carvão.

Após dois anos, volta para sua terra onde se emprega como doméstico de uma família nobre. Esta havia enviado para Turim, para ser salesiano, um jovem protegido. Estanislau quer saber algo sobre essa congregação religiosa. Fica sabendo que muitos dos seus compatriotas tinham seguido para aquela cidade italiana para serem filhos de Dom Bosco, seguindo o exemplo de um seu glorioso concidadão, o príncipe Augusto Czartorysk, hoje Servo de Deus. O nosso herói, que sempre sentira inclinação para a vida religiosa, não duvida mais e embarca para a capital salesiana, disposto a alcançar o seu objetivo, custasse o que custasse, não obstante seus 22 anos de idade.

NA FAMÍLIA SALESIANA

No bairro de Valsálce — no seminário salesiano — o jovem Estanislau inicia seus estudos eclesiásticos. O ambiente ainda estava perfumado pela morte do santo príncipe e contava com a presença do Servo de Deus P. André Beltrami, que com sua doença edificava a todos. O jovem polonês é destinado a ser o barbeiro do santo sacerdote.

Em 1899 entra definitivamente na família salesiana. Faz o pedido para ser missionário. Aceito, é enviado para a nossa pátria.

NO BRASIL

Logo vai trabalhar em Lorena e mais tarde em São Paulo onde é ordenado sacerdote no dia 15 de janeiro de 1905.

Gostava de contar como foi sua ordenação, ao ver os complexos preparativos que nós seminaristas fazíamos para esse evento. "Estava na minha cela, pronto para dormir, quando o P. Diretor me chamou e disse: 'Estanislau, amanhã cedo você vai à catedral para ser ordenado. Levei um susto, pois a ordenação minha e a do P. Massa, P. Zanotelli e P. Maspes estava marcada para o fim do mês. Mas obedeci e todos juntos fomos para a velha catedral, onde Dom José Barros nos ordenou. Voltamos para o Liceu, e no refeitório nos fizeram uns brindes. À tarde fui tomar conta do meu

oratório. Os meninos, antes de irem embora, deram-me vários vivas e por isso eu ainda vivo."

Com o sacerdócio, começa seu trabalho que durará até 1963, quando Deus o chamará para si, no dia 17 de fevereiro, na cidade de Pindamonhangaba. Aliás, o pensamento da morte o seguirá nos últimos anos de sua vida. Mas não como algo de terrível, mas sim como um anjo que lhe viria abrir as portas do céu. Nas cartas aos seus superiores, gostava de brincar com aquele "horível" momento. Era a tranquilidade do varão justo e santo.

Trabalhou nos vários colégios salesianos de São Paulo, Bahia, Minas, Pernambuco e Santa Catarina. Por toda a parte deixou a fama de santo. Notabilizou-se como capelão das irmãs salesianas. No Ipiranga, ficou cerca de 20 anos como capelão do noviciado e confessor de mais de 10 comunidades religiosas. No fim de 1957 é destinado à casa de noviciado salesiano em Pindamonhangaba, onde, como confessor, dirigiu levas e levas de novos salesianos e lhes serviu de exemplo como deve ser um genuíno filho de Dom Bosco.

No padre Estanislau todos viam um santo, mas um santo não daqueles que "vão para o inferno", mas sim um santo humano, que espalha simpatia, que atrai pela sua lhanza de trato e grande dose de humanidade. Entre as suas muitas virtudes gostaríamos de destacar:

Alma de criança

Tinha uma alma de criança. Não a "infantilidade dos parvos, mas, sim, essa encantadora simplicidade que tanto orna os cabelos louros da infância, como as cãs veneráveis do adulto. É a simplicidade que é pureza, não filha da ignorância, mas, sim, que nasce da consciência e se firma na virtude".

Essa simplicidade, o P. Tycner a mostrava em seus sermões, divididos em várias partes e estas subdivididas em mais algumas. Mas a gente gostava de ouvi-lo, apesar de tudo, pois era alguém que pregava o que praticava.

Como eram saborosos os seus boas-noites — pequenos sermões antes dos alunos se deitarem — onde, junto com certos arranjos lingüísticos, nos inculcava os grandes princípios da vida religiosa e sacerdotal.

No pátio todos gostávamos de rodeá-lo; suas observações sobre acontecimentos eram sempre condimentadas com o bom senso, com algum pensamento sobrenatural e um pouco de humorismo. Quando voltava de uma viagem, ansiávamos por escutar suas descrições de paisagens, lugares, pessoas, tudo permeado de fina caridade.

Essa simplicidade nós a encontrávamos, também, nas cartas que escrevia aos seus superiores por ocasião do Natal, Páscoa e onomástico dos mesmos. Era um filho que mostrava todo respeito a seu pai. Escrevia o que sentia. Há trechos que comovem, tais como: "Não faço mais nada... Tenho vergonha de ir ao refeitório, pois, não trabalhando, não mereço comer... Sinto que não presto mais para nada... Só dou trabalho para os outros e todos me aturam por piedade e santa caridade..."

Não era humildade encomendada, mas sim algo sincero que saía do coração de uma criança.

Trabalhador incansável

Desde a adolescência, P. Tycner viveu para o trabalho. Como sacerdote exerceu esse múnus com toda a dignidade. Na direção espiritual era prudente, firme, caridoso e... rápido. A única queixa que fazia no fim da vida era que não podia mais trabalhar. Capelão no Ipiranga, atendendo a tantas comunidades religiosas, pedia ao P. Inspetor mais alguma incumbência. Tendo recebido ordem para descansar nas férias, vai para outra casa substituir um irmão religioso. Descansava carregando pedras.

Religioso exemplar

Do P. Estanislau se pode dizer que foi um religioso perfeito em tudo. Todos nós, que o conhecemos, afirmamos de pés juntos que era de uma pureza angélica, alma de criança, de uma inocência encantadora.

Era paupérrimo; bastava olhar o seu armário de roupa. Quantas vezes nas cartas ao P. Inspetor dizia: "Mando-lhe um pouco de **mamona** (dinheiro), pois não gosto desse visgo; V. Rev.ma tem lugar para colocá-lo". No fim do ano dava contas de todo o movimento financeiro da capelania, com minúcias que poderiam parecer mesquinha se não se tratasse de P. Tycner, que o fazia com espírito de fé.

Profecto na vida religiosa, era um pedaço de cera nas mãos de seus superiores, que no passado foram seus dependentes. Recebida a obediência, não fazia a menor objeção. Numa das cartas dizia: "P. Inspetor, chegou o fim do ano; e meu 'fagoto' (pacote) está preparado; pode mandar-me para o lugar que V. Rev.ma achar melhor".

Como edificou a todos, quando no fim de 1928 deixou Lavrinhas. Após dois anos laboriosos, construiu a igreja de Nossa Senhora do Cruzeiro. Dirigira com brilho o oratório anexo. Humanamente falando, teria o direito de gozar um pouco de sua vitória. Nada; na mesma semana embarcou para Ponte Nova, para um trabalho totalmente diferente. Acredito que foi o melhor sermão sobre a obediência que os seminaristas tiveram.

Amantíssimo da vida comum, teve que viver a maior parte de sua vida quase isolado. Dizia que viver no chalé do capelão, sozinho, era para ele o seu purgatório. No fim da vida dizia: "Nunca tive desgostos na vida religiosa e espero não ter desgostado ninguém".

A AURÉOLA DE UM SANTO

O P. Estanislau Tycner foi um desses homens que por onde passam deixam ótimos exemplos, profunda impressão e grande saudade.

No ônibus afirmara jocosamente que o chapéu de borlas valia mais que a cabeça que o carregava. Era a sua humilde opinião. Mas para quem o conheceu e principalmente para Deus e para Dom Bosco, aquela cabeça valia muito mais que qualquer chapéu, que qualquer capelo, que qualquer coroa. Valia a auréola de um santo.

P. João Modesti